TUCUNARÉ E SARDINHA

Sr. Editor,

A propósito de "caiu na rede" e "Intruso (Tucunaré)" (DN, 05 de junho 93, p. 04), esclarecemos: Em carta publicada no DN, tempos atrás, mostramos (dados da "FISHERIES DIVISION", da FAO) a queda vertiginosa da produção brasileira de sardinha, "SARDINELLA BRASILIENSIS" Cf. NOMURA (1984 – "Dicionário dos Peixes do Brasil", Editerra Edit., Brasília), em 1934 houve quem pensasse que sardinha tivesse sido trazida para o Brasil por D. João VI, quando de sua fuga de Portugal. Vive em cardumes numerosos à superfície ou à meia água, junto com cardumes de savelhas e palombetas. As sardinhas jovens aparecem na Lagoa de Cananeia, SP, crescendo rapidamente até 14 cm de comprimento total, quando desaparecem da referida lagoa. Sua desova é parcial, iniciando em novembro e terminando em janeiro. Alimenta-se de plâncton (copépodos e dimáceas), sendo parasitada por trematóides e pelo protozoário "MYXOBOLUS CHONDROPHILUS". A idade da sardinha foi determinada pela contagem dos anéis concêntricos existentes nas suas escamas. As sardinhas do litoral fluminense são maiores do que as do litoral paulista. Até 1970 a captura no litoral paulista ultrapassou 30 mil toneladas métricas, mas ela começou a declinar a partir de 1972, ao mesmo tempo que a de Santa Catarina começou a aumentar a partir de 1971, atingindo 92 mil e 400 toneladas em 1973. Em 1976 teve início o aumento da produção paulista, com concomitante redução da de Santa Catarina, provavelmente devido à influência das correntes marítimas. Estima-se que o estoque de sardinhas está entre 500 mil e um milhão de toneladas.

Em janeiro de 1944, R. S. de Menezes participou de uma viagem da equipe da Escola de Pesca de Santos, com o objetivo de colher ovos da Sardinha, no litoral norte paulista e no litoral sul fluminense.

No respeitante ao Tucunaré, a maior parte de sua alimentação, nos açudes nordestinos, consiste no camarão amazônico, também aclimado em nossa região pela antiga Comissão Técnica de Piscicultura do Nordeste, criada em 1932 pelo ministro José

Américo de Almeida (R. S. de Menezes – 1950 – O tucunaré nos açudes do Nordeste do Brasil). "Chácaras e Quintais", São Paulo, v. 82, nº 6, p. 586). Osmar Fontenele, Expedito Araújo de Vasconcelos e Edmundo Albuquerque Duarte (1983, "Bol. Técn. DNCS", v. 41, nº 1, pp. 5-26) demonstraram, com dados de captura de mais de vinte anos, que houve gradativa depleção dos estoques de piranha, "SERRASALMUS", em seis de sete açudes do DNOCS, até sua total ausência na pesca. Os autores relacionam o fenômeno biológico à introdução de tucunarés ("CICHLA OCELLARIS", "C. TEMENSIS"); e ressaltam capturas crescentes de piranhas onde não foram introduzidos aqueles peixes (caso no açude "Pinhões", Bahia, na bacia hidrográfica do São Francisco).

Rui Simões de Menezes
Papicu
(18.06.1993, DN, p. 02, Fortaleza, Ceará.)